

Entre vítima e perpetrador: a identidade problemática da segunda geração pós-Shoá na Alemanha e a proposta do romance *O leitor*, de Bernhard Schlink¹

Helmut Galle

Em 2002 surgiu um debate, primeiro na imprensa inglesa e depois na Alemanha, cujo ponto central era se a representação do holocausto no romance *Der Vorleser* (*O leitor*)², de Bernhard Schlink, minimizava ou não a culpa alemã. O livro foi publicado em 1995 e desde então traduzido para 25 línguas – o maior êxito internacional da literatura alemã desde *O tambor de lata*, de Günter Grass, e *O perfume*, de Patrick Süskind. Na Inglaterra, a obra havia encontrado inicialmente uma recepção tão favorável como nos Estados Unidos (onde o autor foi convidado para o show de Oprah Winfrey), mas em 2002, de repente, apareceram polêmicas colocando em dúvida a autenticidade histórica do livro e seu valor estético³. Os críticos eram Frederick Raphael, Gabriel Josipovici e Jeremy Adler, o último filho do sobrevivente Hans G. Adler, autor de uma das primeiras análises importantes sobre os campos de concentração⁴. O teor das críticas é que o livro forja a história, minimizando a culpa dos Nazis, e induz no público a compaixão para com os perpetradores. Nas palavras de Jeremy Adler,

¹ O texto foi apresentado no evento *Identidades coletivas, anti-semitismo e representação da alteridade*, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Hebraicas, 22-23 ago. 2002. Para esta publicação não foi atualizado, com exceção de pequenas correções.

² A publicação brasileira foi realizada pela Nova Fronteira em 1998, com tradução de Pedro Sússekind.

³ Um impulso menos público para a revisão foi, provavelmente, o artigo de W. C. Donahue em *German Life and Letters*, de 2001.

⁴ ADLER, H. G. *Theresienstadt 1941-1945 – Das Antlitz einer Zwangsgemeinschaft*. Tübingen: Mohr, 1960; e ADLER, H. G. *Gedanken zu einer Soziologie des Konzentrationslagers*. Meisenheim: Hain O. J.

o mingau pós-moderno de Schlink é tão intragável não só por que pretende ser um trabalho sério enquanto na realidade representa uma paródia da verdade. É tão repugnante por que aproveita de maneira traiçoeira e pornográfica as necessidades e fraquezas humanas. Assim sendo, por que foi tão bem sucedido? Por um lado por que simplifica a história, que vai ao encontro de camadas amplas de leitores: desde os liberais compassivos, que prefeririam que a extinção dos judeus europeus tivesse decorrido de maneira menos cruel, até os nacionais-socialistas disfarçados que gostam de afirmar que o grande crime nunca aconteceu⁵.

A esta denúncia junta-se a opinião de que o romance seja, esteticamente, não distinguível do Kitsch e da pornografia⁶.

À primeira vista, parece pouco coerente acusar uma ficção literária de desvios dos fatos históricos. O escritor holandês Harry Mulisch publicou recentemente um livro no qual inventa, contra toda evidência histórica, um filho de Hitler; e essa ficção contra-fática pode perfeitamente iluminar o perfil psíquico do ditador. No romance de Schlink não aparecem personagens reais, portanto mereceria ainda menos críticas de Adler. Por outro lado, um texto literário que desdobra sua trama numa paisagem bem referencial quanto aos acontecimentos históricos do Holocausto não pode abstrair completamente a verdade, mesmo que seja simbolicamente. Nesse sentido, um romance que representasse os culpados como vítimas e as vítimas como culpados seria insuportável. Estou convencido de que *O leitor* não pode ser considerado uma propaganda revisionista, como sugere Adler. Por outro lado, reconheço que o personagem Hanna Schmitz

⁵ Tradução deste autor, a partir do seguinte trecho: "Schlinks postmoderner Brei ist nicht nur deshalb so ungenießbar, weil er eine ernsthafte Auseinandersetzung zu sein beansprucht, während er tatsächlich eine Travestie der Wahrheit darstellt. Er ist so abstoßend, weil er auf tückische, pornographische Weise aus menschlichen Nöten und Schwächen Kapital schlägt. Warum aber ist dieses Buch dann so erfolgreich? Zum Teil, weil es die Geschichte so vereinfacht, dass sie breiten Leserschichten entgegenkommt, von mitleidigen Liberalen, denen es lieber gewesen wäre, wenn die Auslöschung des euro-päischen Judentums weniger grausam verlaufen wäre, bis zu verkappten Nationalsozialisten, die gerne behaupten, das große Verbrechen habe gar nicht stattgefunden" (Adler, *Die Kunst, Mitleid mit den Mördern zu erzwingen. Einspruch gegen ein Erfolgsbuch: Bernhard Schlinks "Der Vorleser" betreibt sentimentale Geschichtsfälschung*).

⁶ Adler, *Kulturpornografie; Winkler, Holo-Kitsch e Holocaust-Kitsch*.

não representa o perpetrador da SS exemplar, senão o seu oposto. O mal entendido de Adler, parece-me, está na afirmação de que o livro de Schlink é um livro sobre a Shoá. Em vez disso, trata-se de um livro sobre a relação entre a geração dos perpetradores/espectadores e a geração dos seus filhos. Assim sendo, explica-se melhor que *O leitor* tenha despertado ao mesmo tempo tanto aplauso e tanto ódio.

Para dar sustentação à minha tese, resumo brevemente o conteúdo da obra. O narrador recorda seus 15 anos, quando ele se apaixonou por uma mulher bem mais velha do que ele, de aparência física madura e maternal. Entre outras peculiaridades dessa relação, nota-se que ela quer que seu amante leia para ela, em voz alta, os textos estudados no colégio. A aventura erótica dura um certo tempo, até que ele finalmente abandona sua amante e retoma a vida “normal” de um adolescente. Anos depois, sendo agora estudante de direito, ele assiste com seus colegas a um processo contra o pessoal da vigilância de um campo ligado a Auschwitz e reconhece sua antiga amante entre as guardas acusadas. Ao contrário das outras ex-guardas, ela não se defende de uma maneira muito astuta e finalmente assume a culpa da atrocidade central do caso: durante o “transporte” (uma das chamadas “marchas de morte”) para o oeste, os judeus tinham sido aprisionados numa igreja e lá dentro foram queimados durante um ataque de bombas – salvaram-se duas pessoas, uma mulher e sua filha. Todas as acusadas negam a responsabilidade por não terem destrancado as portas da igreja e não terem liberado os prisioneiros, mas quando o juiz quer comparar a letra escrita no relatório oficial daquele incêndio com a letra escrita de Hanna Schmitz, ela assume a culpa. É este comportamento e mais um detalhe que levam o narrador à solução do mistério da mulher: no campo ela tinha suas favoritas que lia para ela em voz alta, durante as noites – antes de serem selecionadas. Com esses dados – mais a sua experiência pessoal –, o protagonista compreende, finalmente, que ela era e continua sendo analfabeta; que, para esconder sua deficiência vergonhosa, mudou do seu emprego da Siemens para a SS, e que ela agora aceita a pena de prisão para um crime que não cometeu. Durante os anos de cárcere, ela recebe fitas gravadas do seu ex-amante e começa a aprender a ler e escrever, acumulando uma biblioteca não somente de clássicos mas também, particularmente, de textos sobre os campos. O narrador organiza um apartamento e um trabalho

para o momento em que ela for liberada, mas um dia, antes do fim da pena, ela se enforca na cela. O narrador fica com a tarefa de entregar o pouco que ela tinha poupado àquela testemunha que sobreviveu ao incêndio da igreja. Essa sobrevivente rejeita o dinheiro mas fica com a lata de chá onde o dinheiro foi guardado: quando criança, ela tinha uma lata semelhante para guardar seus tesouros, mas depois essa lata foi roubada no campo.

Mesmo esse breve resumo da trama deixa patente que a pessoa que representa o perpetrador Nazi escapa tanto ao estereótipo do demônio sádico como àquele do mal banal, dominantes na literatura alemã: o primeiro nos anos 1940 e 50, e o segundo nas décadas posteriores ao livro de Hannah Arendt⁷. No caso desse livro, trata-se de um perfil, que se aproxima muito mais de uma vítima – como Jeremy Adler e os outros críticos observaram muito bem. Ela é uma mulher, de classe baixa, sem formação, sem família, sem a competência central da alfabetização, sujeita a uma psicologia de pudor; cada um desses fatos coloca-a numa posição que quase a impossibilita de decisões autônomas, soberanas e conscientes, ou seja, éticas. Considerando todas essas condições, o leitor chega a compreender a sinistra lógica que reina sobre o destino dessa pessoa. Assim o leitor compreende também a reação dela, quando responde, questionada pelo juiz, por que as guardas aprisionaram os judeus naquela igreja, em vez de deixá-los fugir: “O que o senhor teria feito, então?”⁸. É evidente que no tribunal essa pergunta vale tão pouco como todas as perguntas desse gênero, insinuando que não houve alternativas ao crime. Nesse sentido é perfeitamente coerente que ela seja condenada e aceite expiar os anos de prisão – fato que também difere do perpetrador típico na literatura (e na realidade histórica).

A pergunta “O que o senhor teria feito, então?” não é, nesse caso, uma ingenuidade ou um pretexto. Ela resume o encadeamento fatal que

⁷ O Nazi demoníaco se encontra em forma mais pura no livro *Der Verdacht*, de Friedrich Dürrenmatt (1953), e mais moderado nos romances *Der Tod in Rom*, de Wolfgang Koeppen (1954), e *Billard um halbzehn*, de Heinrich Böll (1959). O tipo do empregado subordinado e obediente que executa as ordens encontra-se em *Die Deutschstunde*, de Siegfried Lenz (1968). Cf. Galle, *Von der Bestie zur Geliebten. Entwicklung des literarischen Bildes vom Nazitäter in der deutschsprachigen Literatur*.

⁸ Schlink, *O leitor*, p. 106.

levou a mulher ao lugar e ao momento onde ela pôde cometer um crime. Isso pode ser entendido como um encadeamento trágico. Evidentemente a tragédia das vítimas do crime não é somente muito maior; ela está numa categoria diferente: converter-se em vítima de atos violentos versus converter-se em perpetrador por condições adversas. Mas o livro de Schlink em nenhum momento trata de reduzir os sofrimentos das vítimas ou de nivelá-los aos tormentos alemães do pós-guerra (estratégia bem conhecida das argumentações em favor do “Schlusstrich”/“ponto final”). A questão central, porém, não são as vítimas; a questão central é essa perpetradora e a atitude que o narrador pôde tomar frente a ela. O elemento realmente novo nessa construção literária é que se oferece a possibilidade de ter compaixão com o destino de um perpetrador (sempre que ele mostre o perfil descrito acima). E a construção está longe de sugerir ou mesmo exigir um sentimento desse tipo por parte da vítima. Quando a judia sobrevivente, no final da narrativa, mantém uma atitude distanciada frente à sua antiga torturadora, a narração apresenta isso como atitude legítima, talvez até necessária. O fato de ela aceitar a lata de chá é só um gesto simbólico de reconhecimento da tentativa de arrependimento e de penitência da culpada. Nesse sentido, o livro nem desculpa as atrocidades nem propõe uma reconciliação precipitada entre vítimas e carrascos, como insinua Jeremy Adler e os outros críticos.

É necessário então analisar mais profundamente a relação entre essa Hanna Schmitz e o narrador. Há críticos que consideram que a relação amorosa entre a mulher madura e o rapaz é um ingrediente estratégico para aumentar os números de venda. Pode ser. Por outro lado, parece-me que, em geral, o Kitsch pornográfico procede de uma maneira muito mais aberta e conseqüente, misturando esse tipo de motivo com a atmosfera sadomasoquista de um Nazismo estetizado. Neste caso, as cenas (ligeiramente) eróticas limitam-se estritamente à primeira parte, enquanto que a temática do Nazismo e da culpa se desenvolve na segunda, onde o amor se despojou de qualquer aspecto erótico. O que resta é somente a responsabilidade do protagonista frente a um ser humano que ele amava. A motivação construtiva do amor dentro da trama deve ser outra e mais séria.

É notável que o picante do romance se alimente não só da diferença etária mas também da proximidade da amante à mãe do rapaz. Desde o primeiro encontro, o comportamento dela apresenta traços maternos que

complementam sua aparência física. Os rituais eróticos do casal são marcados por procedimentos da higiene infantil: ela costuma banhar o seu amante e ele, o narrador, associa isso, inclusive, a uma lembrança infantil, vinculada a ser banhado por sua mãe e acompanhada por emoções de prazer⁹. É a mãe que manda o rapaz para a mulher com um buquê de flores, e nesta imagem já se misturam os papéis de filho agradecido com o de amante. Isso confere uma certa nota incestuosa a essa relação mas – mais importante – cria-se um amálgama da amante e da mãe, que permite depois que a relação amorosa seja tematizada junto com a relação geracional. O narrador confirma isto muito mais tarde, no contexto da questão de como ele poderia definir sua atitude frente à culpa nazista. Nesse momento, ele compara sua situação com aquela dos seus colegas universitários que levaram a cabo uma ruptura radical com os pais e escreve:

Como poderia ser um consolo o fato de meu sofrimento pelo amor a Hanna ser, de certa maneira, o destino da minha geração, o destino alemão, que era apenas mais difícil, no meu caso, de deixar para trás, mais difícil de lidar. Na mesma medida, teria feito bem para mim se eu pudesse me sentir parte de minha geração¹⁰.

Enquanto os colegas rompem perfeitamente com a geração anterior e se identificam com as vítimas, o narrador não pode fazer isso porque a relação pessoal amorosa o obriga a compreender essa pessoa.

A partir desse trecho podemos entender que, na construção da trama, era necessário estabelecer entre os dois representantes geracionais uma relação mais forte do que fosse a simples afeição entre pais e filhos. Por-

⁹ “Uma de minhas lembranças vívidas é de uma manhã de inverno, quando tinha quatro anos. [...] Diante do fogão, minha mãe tinha colocado uma cadeira, onde eu ficava enquanto ela me lavava e vestia. Lembro-me do sentimento reconfortante do calor e do deleite que me dava por ser lavado e vestido nesse calor” (Schlink, *op. cit.*, p. 27).

¹⁰ Schlink, *op. cit.*, p. 142. A obra não ficcional do autor apóia nossa interpretação. Schlink, que em primeiro lugar é professor de Direito Público na Universidade Humboldt e juiz do Tribunal constitucional de Nordrhein-Westfalen, publicou também algumas palestras, que tratam, de maneira discursiva, o tema da holocausto e as atitudes das três gerações desde 1945. Veja Schlink, *Vergangenheitsschuld und gegenwärtiges Recht*, *passim*.

que na realidade alemã essa relação não era obstáculo suficiente para que a geração dos filhos do pós-guerra não se distanciasse dos seus pais, os quais, de uma ou outra maneira, haviam participado daquele estado que organizou o genocídio.

A ruptura entre a geração da guerra e a geração dos anos 1960 era possível primeiro porque os laços de família, na sociedade contemporânea, estão se enfraquecendo cada vez mais; e segundo porque a herança histórica era insuportável. Em outras palavras: o pecado contra o quinto mandamento bíblico (“Não matarás”, *Ex 20, 13*) suspendeu o quarto (“Honra teu pai e tua mãe”, *Ex 20, 12*), pelo menos sob o olhar dos filhos.

O amor do protagonista obriga-o a uma tentativa séria de compreender essa perpetradora. Ele não pode se colocar no papel do outro e “apontar” para ela como os seus colegas “apontam” a geração dos pais, indicando, assim, quem é culpado e quem é inocente, por meio de atos de distanciamento e de denúncia. Se a relação entre filhos e pais for caracterizada por amor, os filhos deveriam fazer a mesma tentativa de compreender. Nessa tentativa se faz um balanço da culpa objetiva (da medida em que foi envolvido diretamente nos crimes) e das condições específicas, considerando o grau de arrependimento. Evidentemente, a maioria dos alemães não tinham condições tão precárias como Hanna. Por outro lado, seu envolvimento era, na grande maioria dos casos, bem menor também. Se o arrependimento de Hanna e o interesse que ela desenvolve na prisão por suas vítimas não é nada representativo para os perpetradores históricos, é muito representativo para a atitude dos alemães, cujo crime foi a omissão nos atos de resistência contra o crime estatal.

Cabe perguntar ainda por que a atitude geral da geração dos filhos nos anos 1960 não era legítima e por que merece a crítica do livro de Schlink. Deveria essa geração solidarizar-se, em vez de se distanciar, em vez de investigar escrupulosamente em todas as áreas e em todos os detalhes o envolvimento criminoso dos seus pais, mestres e professores? Não era necessário se identificar com as vítimas em vez de com os carrascos? Minha resposta seria que a crítica e o distanciamento era inevitável. A ruptura era necessária para que os fatos atrozes em sua inteira complexidade viessem à tona. Também era necessária para estabelecer um discurso político que permitisse detectar e combater qualquer tendência suspeita a criar situações análogas ao “Terceiro Reich”. Finalmente, era ne-

cessária por razões da identidade coletiva daquela geração que não podia se basear na identificação com os atores de um crime de tal dimensão. Assim eles se definiam (talvez um caso único) *ex negativo* pelo Holocausto, através da diferenças entre si mesmos e os culpados. E era necessária também para que a geração dos pais começasse a pensar de novo sobre seu passado.

O historiador Jörn Rüsen concebe as atitudes das gerações na Alemanha a partir de 1945 de uma maneira análoga às minhas observações na literatura¹². Para Rüsen, podem-se distinguir três fases: a primeira, a dos quinze anos que se seguiram ao fim da guerra; a segunda, a dos anos 1960 até 1989; e a terceira, desde a unificação. Na primeira fase ainda predominavam as pessoas ativas na época nazista. Por motivos práticos, políticos e psicológicos, elas preferiam uma estratégia de manter o silêncio sobre a Shoá e de exteriorizar a culpa. Nessa fase, a literatura apresenta o ex-perpetrador sob uma forma demoníaca. Na segunda fase predominam os filhos que se encontram numa relação vital com os responsáveis pelo Holocausto. Eles escolhem uma estratégia para distanciar-se absolutamente de tudo o que levou ao desastre, excluindo assim uma parte integral da sua descendência genética e histórica. Na ficção daquela época se encontram constelações que favorecem a vitimização de representantes da segunda geração pela primeira¹³. A terceira geração, a dos netos, já se encontra numa relação histórica com a Segunda Guerra. Ela pode provavelmente assumir a responsabilidade pela Shoá como um elemento histórico da sua própria identidade. O *leitor* indica, juntamente com outros livros de autores mais jovens, que também na literatura se estabelece uma atitude menos tensa frente aos atores da época nazista¹⁴.

Isso porque, finalmente, a identificação com as vítimas gera outros problemas. Evidentemente os filhos dos perpetradores não podem se alivi-

¹² Cf. Rüsen, *Zerbrechende Zeit*, pp. 279-99 e 310-5.

¹³ Isso acontece no romance *Die Deutschstund*, de Siegfried Lenz, e no fragmento póstumo "Der Fall Franza", de Ingeborg Bachmann.

¹⁴ Veja os livros de Marcel Beyer: *Flughunde* (1995) e *Spione* (2001).

ar, dessa maneira, da herança histórica. Eles se encontram – involuntariamente – num contínuo vital, que os vincula à geração anterior. Rüsen pôs em evidência que a identificação dos alemães da segunda geração com as vítimas é problemática e que isso se observava particularmente na ocasião do livro de Goldhagen:

A problemática desta integração do Holocausto nos traços históricos da própria identidade é óbvia. Não é somente por meio da contradição e da exclusão [dos culpados H.G.] que se pode explicar a real consistência histórica da história alemã no século XX, olhando para a época Nazi e o Holocausto. Goldhagen confronta os jovens alemães inexoravelmente com o fato de que os perpetradores do Holocausto – “os alemães” – eram seus pais e avôs. O público aplaude e se reconhece no lugar dos “outros”, numa relação histórica frente àqueles perpetradores, e o Holocausto apresenta um potencial identificador somente nas vítimas. A principal falta de historicidade, que marca a interpretação do Holocausto de Goldhagen, caracteriza também a cultura histórica daqueles que o festejam e se destacam por sua relação particularmente crítica frente a história recente da Alemanha¹⁵.

Com vistas a uma identidade nacional e histórica dos alemães, será necessário recuperar a geração dos culpados e manter, ao mesmo tempo, o significado negativo do Holocausto. No nível das relações individuais, o romance de Schlink apresenta uma constelação na qual esta tarefa árdua seria viável. Para um representante da segunda geração, o modelo literário permite experimentar emoções e atitudes até então

¹⁵ Traduzido por este autor, a partir do seguinte trecho: “Die Problematik dieser Verarbeitung des Holocaust in die historischen Züge der eigenen Identität liegt auf der Hand. Mit Widerspruch und Exklusion allein läßt sich der reale historische Zusammenhang der deutschen Geschichte des 20. Jahrhunderts im Blick auf Nazi-Zeit und Holocaust nicht plausibel machen. Goldhagen stößt die jungen Deutschen von heute unerbittlich auf die Tatsache, daß die Täter des Holocaust – “die Deutschen” – ihre Väter und Großväter waren. Das applaudierende Publikum weiß sich nun als, die Andren’ im historischen Verhältnis zu diesen Tätern, und der Holocaust hat ein identifikatorisches Potential nur in den Opfern. Der grundsätzliche Mangel an Historizität, der Goldhagens Holocaust-Deutung ausmacht, charakterisiert auch die Geschichtskultur derjenigen, die ihn feiern und sich durch ein besonders kritisches Verhältnis zur jüngeren deutschen Geschichte auszeichnen” (Rüsen, *Zerbrechende Zeit*, p. 294).

consideradas tabus. É compreensível que isso provoque resistência, especialmente do lado da (primeira e) segunda geração das vítimas. Mas, por outro lado, trata-se aqui do campo da memória coletiva, não o da história¹⁶. Como disse Pierre Nora, “memória, história: de maneira nenhuma são conceitos sinônimos”¹⁷. Sobre os fatos históricos e a sua avaliação, é estabelecido um discurso científico global, que se orienta virtualmente pela racionalidade da argumentação e pelos valores da humanidade. A memória coletiva é e deve ser construída na perspectiva do próprio grupo que a mantém em função da sua identidade. Como consequência desse perspectivismo, a memória coletiva das sociedades que representam as vítimas deve diferir da memória coletiva daquele grupo ao qual pertenceram os perpetradores. Um romance não se inscreve na historiografia, um romance faz uma proposta que possivelmente será integrada na construção da memória coletiva. No caso de Bernhard Schlink, a proposta era que os alemães da segunda geração deixassem de se posicionar no lugar das vítimas porque não se pode dissolver a cadeia geracional que os vincula à geração do Holocausto. Será necessário assumir a herança da culpa e da vergonha, e será necessário terminar com a auto-estilização como vítima. A culpa dos pais alemães frente aos filhos não é a mesma que a culpa frente aos judeus. É evidente que a proposta não cabe em todos os casos: o balanço de culpa objetiva, condições individuais e arrependimento podem pesar mais para o lado da culpa. O filho de um Mengele possivelmente nunca poderá integrar a afeição por seu pai e o respeito às pessoas torturadas por ele. Mas a grande maioria dos pais que viveram na época Nazi na qualidade de oportunistas, indiferentes e espectadores pode ser compreendida em analogia à Hanna Schmitz, menos culpada talvez, mas não necessariamente menos arrependida. Em todos esses casos, o livro de Schlink seria o modelo para repensar as atitudes e experimentar os sentimentos no jogo ficcional do romance.

A discussão pública na Alemanha das décadas passadas resultou na integração do luto pelos mortos do genocídio na memória coletiva.

¹⁶ Para os conceitos da memória coletiva e a memória cultural, veja particularmente o livros de J. Assmann.

¹⁷ Nora, *Zwischen Geschichte und Gedächtnis*, p.13.

A construção do memorial no centro de Berlim é só um sintoma desse processo. Mas, frente ao resto do mundo, a Alemanha como nação não pode se apresentar como representante das vítimas (embora a sociedade não seja formada exclusivamente pelos perpetradores e sua prole)¹⁸. Para o resto do mundo, a Alemanha tem que assumir a herança da culpa. Isso provavelmente exige uma reconsideração das relações intergeracionais, como sugere o romance de Schlink. Espera-se que esse processo possa avançar sem provocar ou ofender as vítimas e seus descendentes e que as memórias coletivas sejam construídas numa atmosfera de respeito mútuo.

Referências bibliográficas

- ADLER, Jeremy. “Die Kunst, Mitleid mit den Mördern zu erzwingen. Einspruch gegen ein Erfolgsbuch: Bernhard Schlinks *Der Vorleser* betreibt sentimentale Geschichtsfälschung”. *Süddeutsche Zeitung*, 20 abr. 2002 (Ursprünglich in Times Literary Supplement).
- ASSMANN, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*. München: Beck, 1992.
- _____. *Religion und kulturelles Gedächtnis: Zehn Studien*. München: Beck, 2000.
- DONAHUE, William Collins. “Illusions of Subtlety: Bernhard Schlink’s *Der Vorleser* and the Moral Limits of Holocaust Fiction”. *German Life and Letters* 54, nº. 1, 2001, pp: 60-81.
- GALLE, Helmut. “Von der Bestie zur Geliebten: Die Nazi-Täter im Spiegel der Literatur”. *Atas do IV Congreso argentino de profesores de alemán* (no prelo).

¹⁸ Evidentemente, a nação alemã não é um coletivo homogêneo de perpetradores e sua descendência – inclui igualmente pessoas que estavam na resistência, vítimas e imigrantes posteriores que não compartilham nada do passado alemão. Não obstante isso, é um fato inegável que a sociedade alemã carrega a culpa coletiva pelos acontecimentos entre 1933 e 1945 nos territórios ocupados pelo regime. O primeiro que insistiu nessa responsabilidade foi Karl Jaspers. Embora ele mesmo fosse um representante da resistência contra os nazistas, ele queria ser incluído nessa responsabilidade. Schlink concorda com Jaspers na existência da culpa coletiva, mas afirma que ela se origina menos no comportamento antes do fim da guerra, senão no fato que na sociedade alemã depois da guerra não houve uma desolidarização com os culpados. Em vez de serem perseguidos juridicamente, os culpados foram integrados nas diferentes funções do estado: “[Nossa] solidariedade com o perpetrador [nos] envolve nos crimes e na culpa dele – esse é o núcleo racional da idéia da culpa coletiva” (Schlink, *Vergangenheitsschuld und gegenwärtiges Recht*, p. 97).

- _____. *Von der Bestie zur Geliebten: Entwicklung des literarischen Bildes vom Nazitäter in der deutschsprachigen Literatur* (a ser publicado).
- HAGE, Volker. "Autoren unter Generalverdacht". *Spiegel online*, 10 abr. 2002.
- JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage: Von der politischen Haftung Deutschlands*. München: Piper 1996.
- NORA, Pierre. *Zwischen Geschichte und Gedächtnis*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1998 (Le lieux de mémoire).
- NORFOLK, Lawrence. "Die Sehnsucht nach einer ungeschehenen Geschichte. Warum Bernhard Schlinks Roman *Der Vorleser* ein so schlechtes Buch ist und allein sein Erfolg einen tieferen Sinn hat". *Süddeutsche Zeitung*, 27 abr. 2002.
- RÜSEN, Jörn. *Zerbrechende Zeit: Über den Sinn der Geschichte*. Köln/Weimar/Wien: Böhlau, 2001.
- SCHLINK, Bernhard. *Der Vorleser*. Zürich: Diógenes, 1997.
- _____. *O leitor*. Trad. de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- _____. *Vergangenheitsschuld und gegenwärtiges Recht*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2002.
- WINKLER, Willi. "Vorlesen, Duschen, Durcharbeiten Schlechter Stil, unaufrichtige Bilder: England begreift nicht mehr, was es an Bernhard Schlinks Bestseller *Der Vorleser* fand". *Süddeutsche Zeitung*, 30 mar. 2002.

Recebido em fevereiro de 2007.

Aprovado em abril de 2007.